

Cyntia Simioni França
Nilza Maria Rodrigues (Jaxy Rendy)

ANCESTRALIDADES
GUARANI



ANCESTRALIDADES GUARANI

Obra publicada com recursos da Capes, por meio do
Programa de Pós-Graduação em Ensino de
História (ProfHistória).
Proibida a comercialização.

Ficha Técnica

Arte e Ilustração

João Paulo Martins Nogueira
Vitor Hugo da Cruz Silva

Coordenação e Revisão

Cyntia Simioni França
Gabriel Henrique de Souza
Nilza Maria Rodrigues

Diagramação

Pedro Ducatti Guedes

Fonte Oral

Nilza Maria Rodrigues

Assessoria Técnica

Felipe Werner

Roteiro

Anderson Luiz Dias Domingos

Revisora ortográfica

Mirian de Oliveira Cardoso

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)

F815 França, Cyntia Simioni.
Ancestralidades Guarani / Cyntia Simioni França e Nilza Maria Rodrigues (Jaxy Rendy) ; ilustrações João Paulo Martins Nogueira..
— 1. ed. — Rio de Janeiro : MC&G Editorial, 2026.
36 p. ; 23 cm.
ISBN: 978-65-6115-125-2

1. Guarani (Povo indígena) – Usos e costumes – História em quadrinhos. 2. Sociologia educacional. 3. Terra Indígena Verá Tupã'i (PR). I. Rodrigues, Nilza Maria, (Jaxy Rendy). II. Nogueira, João Paulo Martins. III. Título.

CDD 23 : 980.41

I - 0711252

Biblioteca: Priscila Pena Machado – CRB-7/6971

Prefácio

Com uma arte vibrante e um roteiro profundamente sensível, esta obra nos cativa e ensina, página a página, inserindo-nos no Nhandereko, o modo de ser, viver e caminhar Guarani.

Seu maior mérito reside na coragem de traçar um caminho direto entre o saber acadêmico e a sabedoria ancestral. O leitor é convidado a mergulhar no universo Guarani, guiado pela voz e pelos conhecimentos de quem vive a *Tekoha*.

Aqui, a teoria encontra a vivência na sua forma mais pura. Os muros da universidade se dissolvem para dar lugar à escuta genuína.

Esta HQ materializa o poder do diálogo direto entre saberes, provando que o conhecimento mais profundo muitas vezes floresce fora das estruturas: é a floresta que nos convoca a compreender que as diferenças nos constituem e que o respeito é o fio condutor da vida.

É um grito potente pela importância da terra, da espiritualidade, da memória das linhagens originárias e da resistência cultural.

Uma leitura essencial para quem busca compreender o Brasil a partir de suas raízes mais autênticas. Valorize as populações originárias e inicie sua própria jornada em busca da Terra Sem Mal. **Ancestralidades Guarani** é mais do que uma HQ; é uma ponte viva de conhecimento.

Boa Leitura!

Márcio José Pereira

Docente do Programa de Mestrado e Doutorado
Profissional em Ensino de História - ProfHistória -
Unespar



Apresentação

Saudações, estimado (a) leitor (a)!

Esta obra constitui um dos frutos do projeto de extensão “**Temas sensíveis: formação de estudantes e professores na educação básica**”, vinculado ao programa **Universidade Sem Fronteiras (USF)** da Secretaria de Estado da Ciência, Tecnologia e Ensino Superior do Paraná (Seti) em parceria com o Programa de Mestrado e Doutorado Profissional em Ensino de História (ProfHistória), ambos na Universidade Estadual do Paraná (Unespar), campus de Campo Mourão, interior do estado do Paraná. O projeto foi coordenado pela professora-pesquisadora do ProfHistória Dr^a Cyntia Simioni França no ano de 2024-2025 e contou com a participação dos bolsistas: Gabriel Henrique de Souza (Doutorando em História e co-coordenador do projeto da HQ), Pedro Ducatti Guedes (Graduando em História e responsável pela diagramação da HQ), João Paulo Martins Nogueira (Graduando em História e desenhista da HQ), Anderson Luiz Dias Domingos (Graduando em História e roteirista da HQ), Vitor Hugo da Cruz Silva (Graduando em História e responsável pela pintura da HQ) e da liderança indígena guarani Nilza Maria Rodrigues (Jaxy Rendy) (professora da escola indígena Tapé Aviru e fonte oral da HQ).

Nesta História em Quadrinhos (HQ) intitulada *Ancestralidades: Guarani*, mergulhamos na trajetória da **Comunidade Guarani Tekoha Verá Tupã’i**, localizada no Barreiro das Frutas, em Campo Mourão-PR. Realizamos diversas visitas à comunidade e produzimos juntos a obra a partir da perspectiva decolonial, com o objetivo de promover uma educação antirracista e intercultural (Walsh, 2019; Paim, Araújo, 2021). Através da “autoridade compartilhada” (Frisch, 2016), buscamos elaborar conhecimentos históricos com a comunidade indígena, rompendo com a lógica colonial que historicamente silenciou suas vozes (Kaiapó, 2021).

A HQ desvela a jornada espiritual e territorial que culminou na retomada em 2011 desse território ancestral, guiada pelos sonhos e pela determinação da liderança **Nilza Maria Rodrigues (Jaxy Rendy)**.

Por meio dos personagens dessa história, somos introduzidos ao **Nhandereko** – o modo de ser e viver Guarani – regido pelo **Nhandere Kô Há** (calendário do tempo), que organiza a vida comunitária, conforme os ciclos da natureza. A narrativa perpassa desde os rituais sagrados na Oy Guasu (casa de reza) até as práticas cotidianas de cultivo, incluindo a significação dos cantos da lekuxa (coruja) e os desafios contemporâneos de manter viva a cultura em contextos urbanizados. Cada quadro mostra como o passado ancestral se faz



presente, orientando o Caminho de Peabiru rumo à **YvyMarã’ey** - a terra sem mal. Vale destacar que as diferenças entre os termos Opy (Avá Guarani) e Casa de Reza (Guarani Nhandeva), assim como Tape’i e Tapete Aviru/Caminho Sagrado, refletem variações dialetais e nuances étnicas. A língua Guarani não é uma só; ela apresenta diversas variantes, faladas por diferentes grupos, cada um com suas particularidades culturais e linguísticas.

Todo o material foi inspirado em entrevistas, memórias, fotografias e produções escritas pela própria comunidade indígena, especialmente pelos registros da professora e liderança **Nilza Maria Rodrigues (Jaxy Rendy)**, cuja dissertação sobre o calendário Guarani tornou-se referência fundamental, bem como do documentário do indígena Felipe Werner, filho de Nilza. Assim, esta HQ não constitui uma representação externa, mas o resultado de um diálogo respeitoso e de uma escuta sensível e atenta às vozes guarani. Como recurso didático, a obra oferece uma porta de entrada tangível para o ensino da história local paranaense e para a implementação das Leis 10.639/03 e 11.645/08, que tornam obrigatório o estudo da história e cultura afro-brasileira e indígena. Sugerimos seu uso em salas de aula para discutir desde cosmovisões indígenas até processos históricos de migração e formação territorial, sempre valorizando a perspectiva dos próprios povos sobre suas histórias. Isso porque a história dos povos indígenas no Brasil é marcada por uma resistência milenar que transcende a luta por território. Desde a invasão colonial, mais de 500 povos originários enfrentam processos de apagamento cultural, violência estrutural e negação de seus direitos fundamentais. Suas lutas contemporâneas se desdobram em múltiplas frentes: pela demarcação de terras tradicionais, pelo reconhecimento de suas línguas e saberes, e pelo direito de existir como sociedades distintas e plurais em pleno século XXI. Essa resistência não é apenas política, mas também espiritual e epistemológica – uma afirmação de que outros modos de viver, compreender o mundo e relacionar-se com a natureza não apenas persistem, mas se renovam e se fortalecem frente aos projetos homogeneizadores (Angatu, 2021). Esta história em quadrinhos busca ser um testemunho dessa resistência, convidando leitores e leitoras a adentrarem um universo em que o tempo é circular, a natureza é sagrada e a ancestralidade guia o presente.

Esperamos que estas páginas possam ser mais do que uma leitura, que constituam uma experiência de encontro com a cultura Guarani, com outras formas de conhecimento, outras temporalidades, e com a força de um povo que, mesmo diante de inúmeros desafios, continua tecendo seu **Tapé Aviru** (caminho sagrado) com a sabedoria dos antigos e a esperança das novas gerações (Krenak, 2019).

Além disso, gostaríamos que este trabalho incentive educadores e educadoras a transformar suas práticas pedagógicas em espaços de diálogo intercultural, onde a diversidade seja celebrada como fundamento para a construção de uma sociedade plural e democrática.



tica. Para o público que mergulhar nesta leitura desejamos que ela possa te tocar e te (trans)formar (Larrosa, 2002).

**Moñe'ërã porã!
Boa leitura!**

**Cyntia Simioni França
Gabriel Henrique de Souza**



Referências

- ANGATU, Casé (SANTOS, Carlos José F.). *Tupixuara Moingobé Ñerana: autodeclaração indígena como retomada da indianidade e territórios*. Revista Espaço Acadêmico, Maringá, n. 231, p. 13–25, nov./dez. 2021. ISSN 1519-6186.
- BRASIL. *Lei nº 10.639, de 9 de janeiro de 2003*. Altera a Lei nº 9.394, de 20 de dezembro de 1996, para incluir no currículo oficial da Rede de Ensino a obrigatoriedade da temática “História e Cultura Afro-Brasileira”, e dá outras providências. *Diário Oficial da União: seção 1*, Brasília, DF, 10 jan. 2003.
- BRASIL. *Lei nº 11.645, de 10 de março de 2008*. Altera a Lei nº 9.394, de 20 de dezembro de 1996, modificada pela Lei nº 10.639, de 9 de janeiro de 2003, para incluir no currículo oficial da Rede de Ensino a obrigatoriedade da temática “História e Cultura Afro-Brasileira e Indígena”. *Diário Oficial da União: seção 1*, Brasília, DF, 11 mar. 2008.
- FRISCH, Michael. 2016. “A história pública não é uma via de mão única, ou, De A Shared Authority à cozinha digital, e vice-versa”. In: MAUAD, Ana Maria; ALMEIDA, Juniele Rabelo de; SANTHIAGO, Ricardo. *História pública no Brasil: Sentidos e itinerários*. São Paulo: Letra e Voz, 2016. p. 57-69.
- KAYAPÓ, Edson. O silêncio que faz ecoar as vozes indígenas. IN: CESCO, Susana; MAGALHÃES, Aline Montenegro et. al. (Orgs). *Ensino de História: reflexão e práticas decoloniais*. Porto Alegre, RS: Editora Letral, 2021. p. 39-54.
- KRENAK, Ailton. *Ideias para adiar o fim do mundo* / Ailton Krenak. Paulo: Companhia das Letras, 2019
- LARROSA, Jorge Bondía. Notas sobre a experiência e o saber da experiência. *Revista Brasileira de Educação*. Jan/Fev/Mar/Abr, n 19, 2002. Disponível em < https://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1413-24782002000100003&lang=en> Acesso em: 25 de agosto de 2025.
- PAIM E. A; ARAÚJO, H. M. Diálogos possíveis entre produzir, ensinar e aprender Histórias decoloniais. In: Juliana Alves de Andrade e Nilton Muller Perreira (Org.). *Ensino de História e suas práticas de pesquisa*. 1ª ed. São Leopoldo: Oikos, 2021 v. 1 p. 28-43.
- WALSH, Catherine. Interculturalidad e decolonidade do poder: um pensamento e posicionamento “outro” a partir da diferença colonial. *Revista eletrônica da Faculdade de Direito da Universidade Federal de Pelotas*, Pelotas, v. 5, n. 2, p. 1-20, 2019. <https://periodicos.ufpel.edu.br/index.php/revistadireito/article/view/15002>. Acesso em 25 de outubro de 2025.



Calma Inácio, o Ano Novo Guarani é diferente do nosso, não é mesmo Gabriel?

Gabriel, que história é essa de Ano Novo em setembro?

Isso mesmo Cyntia, hoje vamos comemorar um novo ciclo com o meu povo.

COMUNIDADE "TEKOKHA VERÁ TUPÃ I"
BARREIRO DAS FRUTAS, CAMPO MOURÃO (PR)

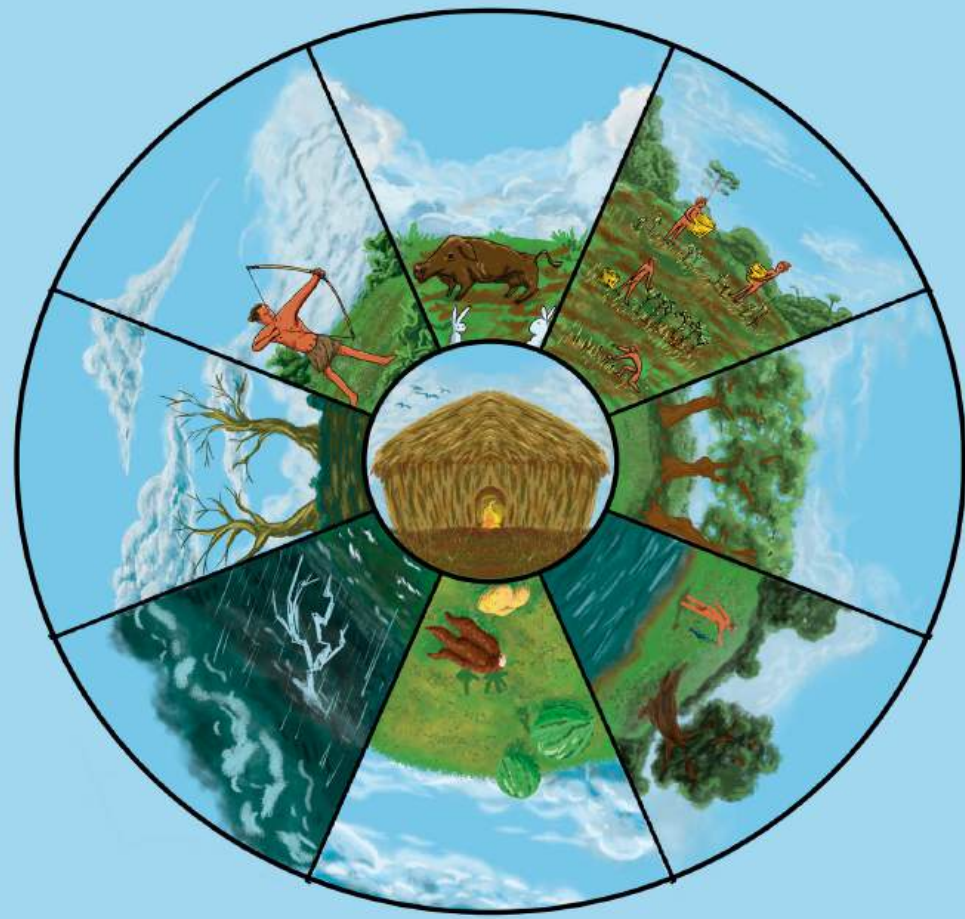


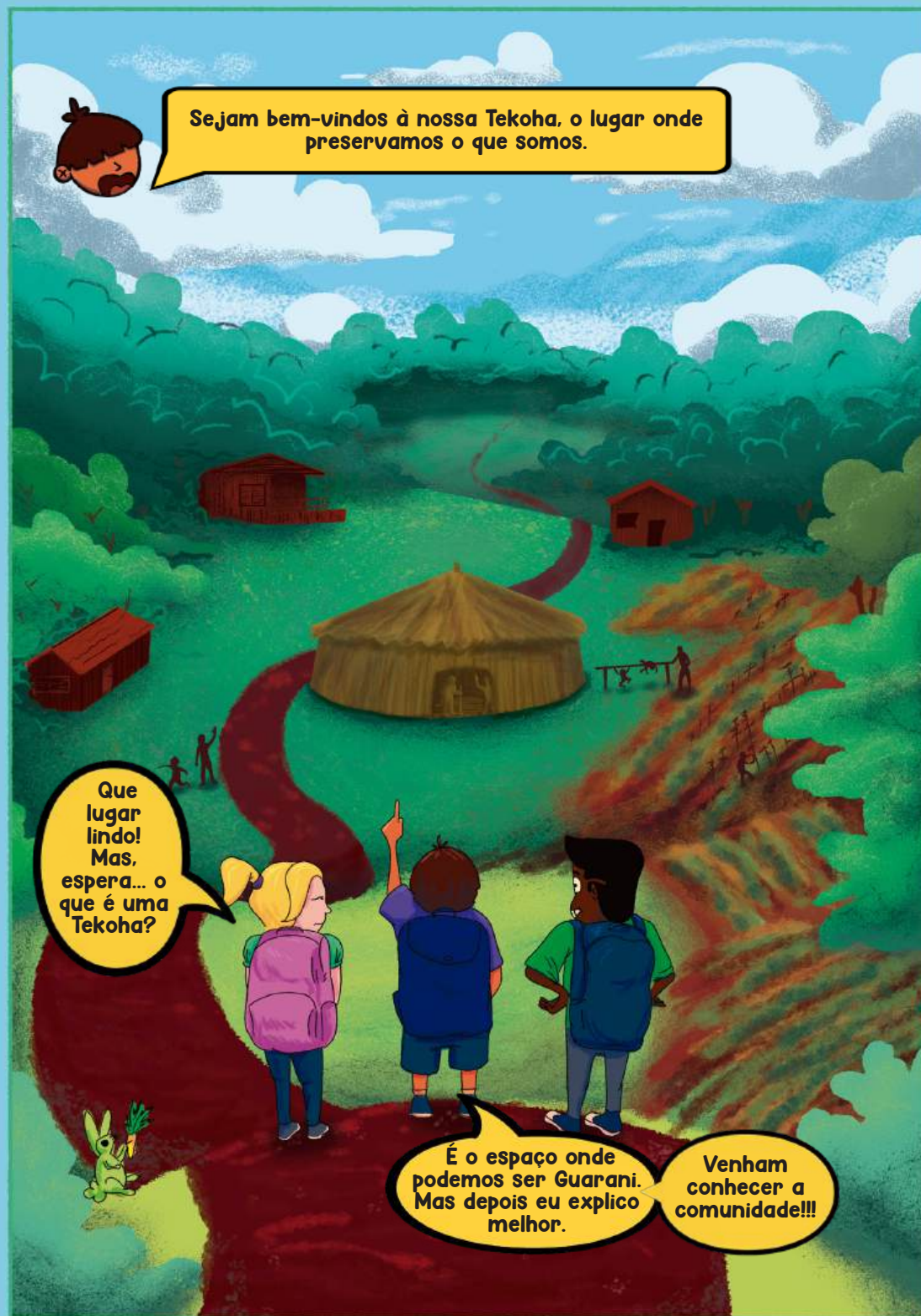
Para o povo Guarani o Ano Novo tem início quando tudo na natureza começa a se renovar. É o que vocês chamam de primavera!

Nossos plantios se enchem, as árvores florescem, os animais das matas fazem seus filhotes e o sol aparece mais cedo.



Vejam nosso calendário Guarani.









O Sol está se pondo,
vamos para a casa
de reza.



Sejam bem-vindos
à casa de reza! Só peço
que retirem os calçados
antes de entrar, porque
é um lugar sagrado.



Posso tocar
o TAKUÁ?



Claro! Eu já
peguei meu
MBARAKA!



Esse ritmo é
ótimo para
dançar!



Cantem
junto com a
gente!



Ara ymã. Ara Pyahu
Ara ymã. Ara Pyahu
kuarahy aguã japysaka
Heia, heia, heia
jaha jaha Tapé Aviru
Heia, heia, heia
jaha jaha Tapé Aviru

Xamoi mbopu nde mbaraka
Xamoi mbopu nde mbaraka
Kuarahy ojekua'a javé
Yvy marã'ey
Heia, heia, heia
jaha jaha Tapé Aviru
Heia, heia, heia
jaha jaha Tapé Aviru

Mborai Nhandere kó há
(canto tradicional da tekoha Verá Tupã'i
sobre o calendário do tempo guarani)

Tempo velho, tempo novo (2x)
Preste atenção no que diz
a sabedoria do tempo
Vamos, vamos, vamos
para o caminho sagrado
Vamos, vamos, vamos
para o caminho sagrado

O xamã aponta com seu
maracá sagrado (2x)
para leste onde nasce o sol,
onde está a terra sem mal.
Vamos, vamos, vamos
para o caminho sagrado.
Vamos, vamos, vamos
para o caminho sagrado.



Na casa de Reza o
Guarani se comunica
com os deuses,
celebrando e
agradecendo a vida
junto da comunidade.

E assoprando a
fumaça do
cachimbo para o
alto que o deus
Tupã recebe nossos
pensamentos.



Desde quando vocês estão nessas terras?



Vocês conversam com os outros guaranis pelo Brasil?



Como você se tornou uma liderança indígena?

Como e quando vocês construíram essa comunidade?

Calma, eu conto para vocês. Posso dizer que tudo começou com um sonho.



Quando criança eu visitava guaranis sempre que dormia.

Durante o sono, o espírito do Guarani pode sair do corpo e viajar pelo mundo espiritual.

Meu espírito buscava o meu povo todas as noites.

Você precisa ajudar o seu povo, Jaxy Rendy... o tempo é curto.



As xamãs queriam que eu soubesse que não eram apenas sonhos, mas um aviso de que aquelas pessoas precisavam da minha ajuda para além das noites.

Para não me esquecer do encontro, elas me marcaram, assim eu saberia que tudo era real. Inclusive a dor do meu povo.



De manhã, fui contar para minha irmã sobre meu sonho e vi a marca no meu pé.

Assim eu percebi que não podia esperar, que deveria ajudar os que mais precisavam.

Quando eu aceitei o chamado de Almerinda, meu espírito me levou à tekoha que visitava toda noite.

Comprei comida e outras coisas que precisavam para manter a saúde do corpo, da alma e da tradição.



Nós
estávamos te
esperando.

A sepia-toned portrait of an elderly woman, Xary'i Poty, with a headband and a beaded necklace, looking slightly to the side.

Xary'i Poty era uma mulher com muito conhecimento. Respeitada pela sabedoria herdada de outras anciãs, me ensinou sobre a vida e a minha cultura.

A sepia-toned illustration of two women, Xary'i and Almerindinha, standing and holding long, rolled-up scrolls.

A Xary'i "Almerindinha", que descende de uma linhagem de xamãs, me ensinou a ser uma liderança indígena e a entender os meus sonhos e o mundo em que vivia.

A vibrant, colorful illustration depicting a spiritual journey. A woman in a yellow shirt is shown from the chest up, holding a glowing mirror and looking upwards. She is surrounded by a swirling, ethereal light in shades of purple, blue, and yellow. In the foreground, the backs of three people's heads are visible as they look up at the scene. The background is a dark, starry space with a bright, glowing cross-like shape in the upper left.

Nós construímos essa comunidade com base no que as duas nos ensinaram.

Mesmo depois da passagem delas para o plano espiritual, elas ainda nos acompanham, fortalecendo nossa cultura por meio da sabedoria que aprenderam, do amor que transmitiram e da coragem que sempre tiveram.



Por que vocês se mudaram para Campo Mourão?

Poty nos contou que antigamente havia uma tekohá aqui, onde seus ancestrais foram enterrados. Então saímos da nossa antiga aldeia e viajamos para nos juntar aos nossos antepassados, percorrendo uma ramificação do Caminho de Peabiru.

Um caminho criado muito antes dos europeus chegarem, conectando inúmeros povos indígenas, que se guiavam pelas estrelas para compartilhar sabedoria e itens diversos.

Para os guaranis, o caminho é mais do que uma conexão cultural, é a partir do Peabiru que chegamos ao mar e, por meio das rezas, dos cantos e das danças conseguimos abrir um novo caminho que se estende pelo oceano, nos levando a Terra Sem Mal, a dimensão espiritual guarani, onde moram os deuses.



Sáimos de Bandeirantes/PR e viemos para Campo Mourão (2011) em busca do local onde nossos ancestrais viveram para enfim nos juntarmos a eles.



 BANDEIRANTES



CAMPO MOURÃO



ESPAÇO FLORESTAL



ESCOLA INDÍGENA



CENTRO DE CULTURA



E o que é preciso para formar uma Tekoha?

Uma Tekohá deve ter...

ACESSO À FLORESTA

CASA DE REZA

ACESSO AO RIO

LOCAL PARA A ROÇA

Sem território não há vida e nem cultura.



A NOSSA TEKOKHA



**A nossa tekoha vive a cultura Guarani
Do raiar do sol até a hora de dormir
Plantamos, colhemos, sonhamos e vivemos
Com amor e força para criar e resistir**

**Quando o galo canta, o Guarani já está de pé
A erva-mate nutre o corpo, a alma e a sua fé
Uma herança sagrada que atravessa gerações
E que se mantém viva dentro de seus corações**

**A terra é sagrada e os seus filhos também
É o berço divino de toda criatura
Onde o nhandaré kó vem trazer harmonia
Cuidar dos irmãos é parte da cultura**



**Com a agricultura nascem bons conselhos
As sementes e os saberes são compartilhados
A criança aprende e leva adiante
Os ensinamentos dos antepassados**



**O cuidado com os animais e com a natureza
É dever da criança, do adulto e do ancião
Garante harmonia entre os deuses e a terra
E é o que mantém viva toda a tradição**



A natureza é a nossa raiz
Nosso abrigo e fortaleza
Que alimenta os nossos filhos
E nos cobre de pureza

A floresta é sagrada
É o jardim que nós cuidamos
Pensando no coletivo
Nós colhemos e plantamos

A água é divina
Do mar até a nascente
O guarani cuida do rio
Porque o rio cuida da gente



O caminho das ondas
Vai além do litoral
Onde tantos atravessaram
Rumo a terra sem mal

Quando chegamos aqui
Soubemos no mesmo instante
Que a terra nos recebeu
Como já fizera antes

Acolheu meus ancestrais
E cuidou dos meus parentes
Hoje vê crescer meus filhos
E amanhã, meus descendentes

Com amor e paciência
Atenção e empatia
A tekohá segue forte
E a família segue unida

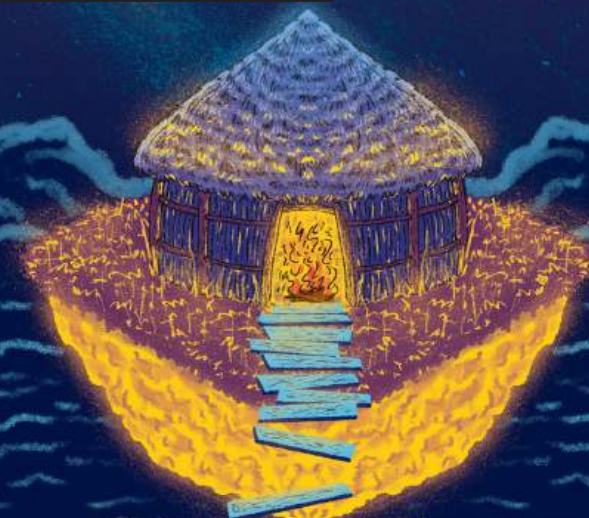
Muito antes do não-índio
Conhecer o nosso lar
Muito antes da coroa
Essa é a terra do cocar



Aqui o tempo flutua
Sem amarras ou tropeços
Vê-se a noite virar dia
Vê-se a vida e os seus avessos

Onde todos reunidos
Formam uma teia brilhante
Onde o coração ferido
Toma forma radiante

Onde o sol é majestoso
E a lua é resplandecente
Onde o coração palpita
Que os deuses estão presentes



O ancião canta os seus sonhos
Sobre os deuses e façanhas
Canta a memória e a luta
E todo mundo acompanha

A xamã alivia a alma
Tira o peso e fortalece
Pois bem sabe que é assim
Que a comunidade cresce

Onde a palavra levita
E a vida alimenta a canção
E casa de reza é o princípio
Caminho, motivo e razão

NO DIA SEGUINTE



	Anderson L. Dias Pesquisa e roteiro	Bolsistas do projeto Temas Sensíveis (USF); Unespar Campo Mourão 
	João P. Martins Pesquisa, roteiro e ilustração.	
	João P. Tovo Pesquisa e roteiro.	
	Tábata C. da Silva Pesquisa e roteiro.	
	Pedro D. Guedes Edição e diagramação.	
	Vitor H. Cruz Roteiro, ilustração e pintura.	
	Gabriel H. de Souza Direção, pesquisa e roteiro.	

